

“A gente não sabe o que é ficção ou documentário”

Paulo Henrique da Silva, do Hoje em Dia

GRAMADO - Eduardo Coutinho nunca escondeu que, mesmo nos documentários, o que se vê é uma ficcionalização da verdade. Ao contar uma história, o entrevistado se comporta como um ator diante das câmeras. Com o filme «Jogo de Cena», apresentado no Festival de Cinema de Gramado, em agosto, e previsto para estrear nas telas no próximo mês, o diretor de obras marcantes como «Cabra Marcada para Morrer» e «Edifício Master» aprofundou mais a discussão em torno dos limites entre a realidade e a ficção.

Coutinho convidou as atrizes Marília Pêra, Andréa Beltrão e Fernanda Torres para interpretarem, sem qualquer recurso cênico, os depoimentos de casos pessoais relatados por mulheres comuns, também são apresentados no filme - situação que provoca inevitáveis comparações. «É um jogo, mas ninguém ganha. O que elas fizeram foi um risco, pois, além de ganharem um cachê simbólico, esse não é um trabalho normal. As atrizes não podiam imitar, ironizar ou criticar as personagens reais», salienta o cineasta.

O resultado é surpreendente. Andréa Beltrão, por exemplo, não consegue deixar de se emocionar durante a interpretação, dizendo que é incapaz de dizer o texto, que envolve tragédias, com a mesma naturalidade de sua fonte de inspiração. Fernanda Torres, por sua vez, mistura a sua própria realidade, contando um caso íntimo e não revelado anteriormente, sobre quando precisou recorrer ao candomblé para engravidar. Propositalmente ou não, Marília Pêra não decorou todas as falas, embora tenha preservado a essência.

O cineasta dificulta um pouco mais as coisas para o espectador e insere depoimentos de outras pessoas reais e atrizes desconhecidas. Neste caso, fica praticamente impossível saber quem está interpretando ou não. Para uma plateia de jornalistas, presentes no Festival de Gramado, onde o filme exibido fora de concurso, Coutinho acabou entregando o jogo. Muitos ficaram assombrados com a revelação de que um depoimento tão forte e espontâneo saiu da boca de uma intérprete indicada pelo ator Ernesto Pícolo.

«Por isso se chama jogo de cena. A gente não sabe o que é ficção ou documentário. Tem a ver com o filme iraniano «Salve o Cinema» (de Mohsen Makhmalbaf), em que o diretor convoca pessoas para um trabalho de ficção e milhares se inscrevem. O meu filme não é sádico. O que quero mostrar é que todos ali são seres humanos. As atrizes são pessoas públicas, mas, fora isso, são como as outras», observa Coutinho, que colocou anúncio no jornal convidados mulheres que quisessem contar a sua história para as câmeras.

Oitenta e três mulheres atenderam ao anúncio. Cerca de 20 passaram pela triagem. «Não escolhemos em função da desgraça. Escolhemos aquelas que sabiam contar uma história. Em alguns casos, a mulher tinha uma história fantástica, mas não sabia contá-la. E vice-versa. A mais extraordinária foi a Sarita, que tem uma capacidade enorme de rir de si própria», relata o diretor. Sarita ganhou seu duplo em Marília Pêra, que já havia trabalhado com Coutinho em «O Homem que Comprou o Mundo» (1967).

«O Coutinho não me convidou diretamente. Tinha medo que eu recusasse e me sondou através de um amigo. Sem saber o que era, já tinha aceitado. Trabalhar com ele irá proporcionar, no mínimo, um aprendizado. Mesmo sem saber o que ele quer, o Coutinho nos passa confiança e sensibilidade», elogia a atriz, que dividiu as filmagens, no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, com as gravações de uma novela. «Ela ficava de 9 às 18 horas no Projac. Chegava exausta. Não era a maneira ideal, mas a foi a única forma de fazer», conta o documentarista.

O diretor confessa que ficou atônito quando Marília começou a fugir da ordem do texto. «Como na ficção, eu precisava das deixas para saber o momento de perguntar. Fiquei tenso, mas foi ótimo. Isso me obrigou a ter uma atenção enorme», minimiza. Para a atriz, foi uma tarefa difícil dizer o texto sem repetir a personalidade de Sarita. «Ela ri e chora em seu depoimento. O Coutinho pediu para não fazer isso. É difícil estudar o texto e não embarcar», avalia Marília.

#### Documentário teatral

Eduardo Coutinho abraça, em «Jogo de Cena», apenas o universo feminino. Para quem reclamar da falta de homens entre os depoentes, o cineasta já tem a resposta na ponta da língua: «As mulheres contam coisas delas que os homens não contam. O universo masculino não é bom», analisa Coutinho. Se o sexo é um apenas, em se tratando de classes sociais, praticamente todas elas estão representadas no filme.

Para Marília Pêra, embora não haja uma única voz masculina sequer, os homens estão muito presentes através do que é dito pelas mulheres. «Elas falam o tempo inteiro dos homens, de maneira emocionante. Esse não filme não passa em branco, ele toca a gente», comenta a atriz, que define «Jogo de Cena» como um documentário teatral. Ela afirma que não se sentiu atuando, pois teve muita liberdade de criação.

Marília contesta Eduardo Coutinho, para quem não teve nenhum trabalho de direção. «Ele dirigiu sim. Não no momento em que estávamos interpretando, mas na preparação», destaca. Antes de iniciar o projeto, o diretor revela que leu muita psicanálise para entender o que se passa na cabeça das mulheres. «Li sobre o tal falo imaginário, mas depois desisti. Fui mais guiado pela minha intuição», afirma.

Apesar de Coutinho acalentar esse projeto há vários anos, ele pensava fazer uma espécie de continuação de «Santa Marta», documentário realizado em 1987 sobre uma favela carioca. «Iria mostrar o que teria acontecido às pessoas, mas sabia de antemão que aquilo tinha se transformado numa tragédia. Isso não me interessava», conta Coutinho, que ganhou recursos para seus trabalhos através da parceira com João Moreira Salles («Entreatos»).

O que fez Coutinho apostar suas fichas em «Jogo de Cena», 10º longa-metragem de sua carreira, foi o fato de ser fascinado pelos sonhos de pessoas comuns. «Não é simplesmente o sonho, mas sim como o descrevem. Não me interessa que digam que o céu é azul. Interessa que falem que é azul piscina. Isso é maravilhoso, isso é contar bem uma história», pondera o documentarista, que, no Festival de Gramado, recebeu um Kikito especial pela carreira.

